

Os espelhos de Minkoff.

VILÉM FLUSSER

O lugar ocupado pelo espelho entre os instrumentos é tão especial que até hesitamos chamá-lo "instrumento". Os instrumentos em geral visam mudar o mundo. Têm portanto caráter ético e político. Os espelhos, pelo contrário, visam a auto-visão e o conhecimento de si próprio. São especulativos, epistemológicos e reflexivos. O instrumento em geral dirige o olhar sobre o mundo, o espelho o vira para dentro. E executa tal virada ao fazer-nos penetrar o espelho para que possamos vê-nos de fôra. O espelho serve ao estar-fôra-de-si-mesmo, à alienação, à loucura. O desvairado, ilusório e falso é próprio do espelho. Mas trata-se de ilusão e falsidade que são objetivos no sentido mais radical do termo. O sujeito se objetiva no espelho, sai de si enquanto objeto, para poder voltar a si novamente. O espelho é pois instrumento dialético: aliena, afim de superar a alienação, e nega, afim de superar a posição primitiva. E tal falsidade objetivante, que serve para romper falsidades, chama-se "arte". Enquanto instrumento que supera ilusão pela ilusão o espelho é, por excelência, o instrumento estético, o instrumento da arte.

Costumamos ordenar a história da humanidade seguindo a cronologia dos instrumentos. Por exemplo em pedra, bronze, ferro, e materiais sintéticos. E que recorremos a critérios éticos e políticos para caracterizar as épocas passadas. E se tomássemos critérios epistemológicos e estéticos em vez disto? Talvez <sup>vamos falar</sup> ~~em~~ em época pré-espelho, época do espelho, época da fotografia, e na ruptura presente na qual ocorrem coisas como o são os espelhos de Minkoff. Na época do pré-espelho o tema da arte (e do conhecimento) teria sido o mundo. Na época do espelho o tema da arte seria o homem que se espelha no mundo, e o tema do conhecimento seria o auto-conhecimento. Na época da fotografia o tema da arte seria a arte, e o tema do conhecimento seria o conhecimento. E atualmente a arte começaria a tomar por tema a arte sobre arte, (art is art about art), e o conhecimento teria por tema a possibilidade de conhecer ~~o~~ conhecimento. Tal espelhar no espelho que espelha espelho, tal reflexão sobre reflexão refletida, caracteriza o progresso no espelho. Somos tomados de vertigem, porque no espelho que espelha se abre aquele abismo da redução ao infinito que ameaça atualmente engolir-nos. Tal abismo dentro do espelho é a contrapartida daqueles picos elevados, em direção dos quais os demais instrumentos, (o progresso técnico), ameaçam conduzir-nos. Com efeito: os picos são impensáveis sem o abismo, e vice-versa.

Descrevamos de forma leiga a experiência de Minkoff, para poder imaginar o abismo. Trata-se de três espelhos que se espelham mutuamente, a saber: uma tela de TV, uma camera de TV e um magnetoscópio que funcionam circularmente. A camera enfoca a tela, a tela reproduz a camera, o magnetoscópio grava este processo, a tela reproduz a fita do magnetoscópio, a camera enfoca tal reprodução, e assim ao infinito. Mas não se trata de circuito fechado. Fosse fechado, e o nada se espelharia no nada do nada, como nos espelhos

VILÉM FLUSSER

wittgensteinianos pindurados em paredes opostas de quarto vazio, e nada poderíamos dizer sobre o que deve ser calado. Trata-se de circuito aberto, no qual o homem pode penetrar, incluir-se a si próprio, e agir nele. Pode espelhar-se a si próprio dentro dos espelhos, e pode espelhar dentro deles seus atos e sofrimentos. E pode fazê-lo em hierarquia abismal, já que o que é abismo num espelho é superfície no outro e abismo de segunda ordem no terceiro.

A posição do homem em tudo isto é muito difícil a ser formulada epistemologicamente, mas esteticamente é extremamente fácil e primitiva. O que se dá é isto: Os três espelhos são postos em funcionamento; a tela é vazia, a camera mostra a tela vazia, e o magnetoscópio registra tal vacuidade. Em seguida, Minkoff se põe do lado da tela, (de cara ou costas para a máquina), e faz e diz algo. A tela continua vazia, a camera registra a tela vazia e os atos e palavras de Minkoff, e o magnetoscópio registra isto. Isto é em seguida projetado sobre a tela. Na tela se vê Minkoff em ação, e na camera se vê tal tela e mais Minkoff agindo sobre a tela novamente. O magnetoscópio registra isto e projeta o registrado sobre a tela. Na tela aparece o agora registrado, e mais o registrado anteriormente como pano de fundo modificado pela ação subsequente. E assim em diante. É preciso considerar dois aspectos disto: A cronologia passa a ser dimensão espacial, e o "anterior" passa a ser "o mais afastado". E Minkoff não aparece no espelho enquanto objeto do espectador, mas enquanto seu próprio objeto, visto de todos os lados, e manipulando-se a si mesmo. Portanto, trata-se de sincronização da dia-cronia, e de superação de toda perspectiva. Se considerarmos que não apenas Minkoff pode aparecer, mas não importa quem presente na sala, ou quem vir a estar presente em não importa que futuro, e que não apenas a sala presente, mas não importa que circunstância passada ou futura podem servir de ambiente, teremos começado a captar as virtualidades latentes nos espelhos de Minkoff.

Antes de tentar interpretar tais espelhos, procuremos captá-los enquanto realização de tendências anteriores. O círculo minkoffiano aparece então enquanto salto dialético a partir da TV, a saber enquanto TV que se vê a si mesma. A TV aparece enquanto fotografia que não para, mas rola. A fotografia aparece enquanto imagem espelhada que supera a efemeridade do espelho e fixa a imagem para a "eternidade". Todas as artes figurativas aparecem enquanto precursoras da fotografia e superadas por ela. O espelho aparece enquanto superfície líquida artificial, enquanto instrumento que liberta a reflexão humana da natureza. Tal genealogia da experiência minkoffiana oferece modelo possível para a captação da história humana enquanto quanticamente progressiva alienação do homem a partir da natureza. Sobre tal modelo podem ser construídas belíssimas teorias antropológicas e sociológicas, (e, efetivamente tais construções forma feitas, por exemplo por Jaspers). Mas deixemo-las de lado.

VILÉM FLUSSER

Que significam portanto os espelhos de Minkoff? Pois se os considerarmos mensagens tradicionais, se tentarmos ler o que Minkoff está fazendo com eles, não significam praticamente nada. Sob tal leitura nada veremos a não ser o próprio Minkoff, e talvez alguns amigos seus, fazendo gestos inócuos, e, se fôrmos muito benévolos, poderemos dizer que estamos vendo adultos empenhados em jogos infantis e inocentes. (Não será isto que temos em mente ao afirmar ~~mas~~ que tal ou qual tendência está na fase infantil de seu desenvolvimento?) Mas se considerarmos os espelhos canais para mensagens futuras, se imaginarmos o tipo de articulações que os espelhos possibilitam, vivenciaremos, concretamente, o choque com uma ruptura que abre caminho para fôra da crise na qual nos debatemos. Não apenas da crise nas ditas "artes", mas da crise em geral, com tôdas as suas dimensões inenumeráveis.

Não se trata apenas de oferecer às artes plásticas uma possibilidade de superar a coisa rígida, (a "obra"), e de conquistar a superficialidade do filme e do programa de TV, abrindo o espaço e o tempo a realizações criativas de projetos em grupos. Trata-se, além disto, de abrir campos até aquí insuspeitados às demais articulações da cultura. Por exemplo, inúmeros enunciados da ciência, até agora linearmente compreensíveis mas inimagináveis, podem tornar-se imagináveis graças a tais espelhos. (Isto significa não apenas que a barreira que separa cientistas e leigos pode ser rompida, mas ainda que a estrutura do pensamento do próprio cientista pode sofrer modificação, já que este poderá pensar não apenas conceitos, mas também imagens). Um outro exemplo é a possível utilização dos espelhos na pedagogia, coisa que poderia alterar tôda a paideia da nossa cultura. (Isto poderia implicar a re-estruturação do tôdos os culturemas, inclusive dos valores éticos, políticos e outros.) Um terceiro exemplo é a possibilidade dos espelhos virem a ativar a atitude de consumo da massa e constituírem-se em abertura na cultura de massa, por possibilitarem ao consumidor de programarem seus próprios programas televisionados. (Isto implicaria, entre outras coisas, uma redefinição do termo "democracia", já que tenderia romper o consenso geral e substituí-lo pela formação de grupos dialógicos criativos.) Um último exemplo é a possibilidade dos espelhos virem a provocar revolução no pensamento filosófico e na nossa mundivisão, já que tornariam possível a ruptura do filosofar discursivo e a instauração de um filosofar imaginativo. (Talvez será isto um dos caminhos em direção da superação da "morte da filosofia").

É fácil largar as rêdas da fantasia e imaginar outros exemplos de uma futura utilização dos espelhos. É nisto que reside o seu fascínio: que não depende tanto de Minkoff, mas de nós, o que seus espelhos significam. Ele não está nos propondo apenas um projeto, (~~têrmeste, embora nôvo, já gasto~~), mas ele nos provoca brutalmente <sup>para</sup> assumirmos posição perante seus espelhos. Quem tiver intuição da situação na qual estamos, por vaga que seja, não poderá passar calado por tal desafio. Vista assim, a significação dos espelhos de Minkoff não pode ser exagerada.

## VILÉM FLUSSER

Segundo a tese dialéctica o artista é articulação do espírito do tempo, não apenas por exprimir tal espírito, mas também por negá-lo e assim superá-lo. É isto que se pretende quando se diz "vanguarda". Aceitando a tese, é Minkoff indubitavelmente artista de vanguarda. Mas o paradoxo atual é que o espírito do nosso tempo está pondo em questão toda arte, e procura superá-la toda. (Aliás, outro paradoxo é que o espírito do nosso tempo está procurando superar a própria dialéctica dialécticamente.) E se aceitarmos tal paradoxo, Minkoff deixará de ser artista, e as coisas que está fazendo não podem ser mais captadas por categorias tradicionais como o é a arte. Se quisermos compreendê-lo com categorias vindas do passado, devemos compará-lo mais com com fenômenos do tipo Guttenberg, (já que em Guttenberg o que interessa não é a Bíblia que imprime, mas o fato de ~~a~~ imprimi-la.) Pois Minkoff, e outros empenhados na mesma direção, não procura dizer-nos algo, mas dar-nos os meios para que nós possamos dizer algo de significativo. ~~É~~ <sup>É</sup> a conversa fiada cretina que ameaça inundar-nos pelos canais de comunicação de massa, <sup>ou</sup> ~~ou~~ outro canal que torne possível dar novo significado aos nossos enunciados, (portanto, a nossas vidas). E nós lhe devemos resposta.